

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIV, nº 112, abril/maio - 2022

“GRANDE MAR OCEANO”, UM ROMANCE INESQUECÍVEL

Paulo José Cunha

A tarefa mais difícil de um escritor de ficção, inclusive o de ficção científica ou de narrativas com participação de entidades etéreas ou animais convertidos em personagens, é garantir verossimilhança ao relato. Se o leitor não acreditar no que está lendo – acreditar assim, sem aspas – o romance, o conto ou a novela não funcionam.

Leonardo Almeida Filho, em seu *Grande Mar Oceano* (Ed. Jaguaririca, 2019), consegue a proeza de capturar o leitor desde as primeiras linhas, tal como o fizeram tão bem escritores como Gabriel García Márquez, para ficar em um único exemplo. O colombiano carimbou para

sempre no imaginário latino-americano uma das mais instigantes aberturas de romances da literatura mundial, que guardo de cor – “*Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo*” (“*Cem Anos de Solidão*”). Do mesmo Márquez, outra abertura memorável, que igualmente recito de memória: “*No dia em que seria assassinado, Santiago Nasar levantou-se às 5 e 30 da manhã para esperar o barco em que chegaria o bispo*” (“*Crônica de uma Morte Anunciada*”). É impossível não prosseguir na leitura de um ou de outro. É preciso descobrir o

que levou Buendía a estar prestes a ser fuzilado. Ou por que Nasar foi assassinado no dia em que chegaria o bispo. Leonardo Almeida abre seu romance de forma igualmente provocadora: “*Quem idade tens, ó pá? Quinze, meu senhor, respondeu (...) Sabes que o trabalho é Não terás folga nem sossego, pensaste nisso? Sim, eu sei, eu quero, meu senhor. Essa obsessão de largar família e rotina já andava a incomodar o pai e a irmã, mas ele insistia: quero o mar, quero o mar*”. Impossível não sentir curiosidade pelo que vai acontecer com o pirralho que insiste em embarcar.

Continuação na pág. 4

O ESPETACULAR HOMEM-ARANHA

Vera Lúcia de Oliveira

Em 13 de fevereiro de 1922, um entusiasmado Graça Aranha proferiu a conferência “A emoção estética na arte moderna”. Era a inauguração da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. Foi o primeiro tremor de terra nas artes brasileiras. (O segundo se daria com a bombástica conferência “O espírito moderno” na Academia Brasileira de Letras, em 1924, quando o prestigiado escritor dela se desligou.).

José Pereira da Graça Aranha (São Luís, 1868 - Rio de Janeiro, 1931) foi um menino prodígio que começou a ser alfabetizado aos três anos de idade pelos pais cultos e amorosos e aos treze já estava matriculado na Faculdade de Direito do Recife, onde conviveu com o filósofo Tobias Barreto, de quem se tornaria discípulo ainda no primeiro ano, lembrando-se dele com emoção em *O meu próprio romance* (1931, pág. 155) – obra apenas iniciada, interrompida pela morte do autor:

Continuação na pág. 8

DOR E CATARSE NA POESIA DE ANDRÉ GIUSTI

Wilson Pereira

O jornalista e escritor carioca André Giusti reside em Brasília desde 1998, onde vem construindo uma obra de inegável valor literário. Primeiro como contista, gênero em que publicou alguns livros, entre os quais: *A Maturidade Angustiada*, *A Solidão do Livro Emprestado* e *A Liberdade é amarela e conversível*. Mais recentemente vem ele incursionando também pela poesia, com a publicação dos livros *Os Filmes em que Morremos de Amor* (Editora Patuá, 2016) e *De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia* (Editora Penalux, São Paulo, 2021).

Este último traz título um tanto prosaico, o que parece proposital, porque bem adequado ao conteúdo da maioria dos poemas e, também, pelo impacto que causa, no sentido de destituir a poesia de uma certa aura de sublimação e de subjetividade afetada, que predominou na poesia tradicional e bem-comportada pelos séculos dos séculos e ainda, na atualidade, estampa muitas capas de livros de poemas. E é de se notar que é retirado (o título) de um pequeno poema (sem título, p. 57):

Continuação na pág. 6

A BELEZA DO INSTANTE NA POESIA DE LOURDES SARMENTO

Diego Mendes Sousa

Lourdes Sarmento é uma poeta robusta, com preponderância sobre a linguagem. Sua poesia nivela-se pelo silêncio, e ao mesmo tempo, se engrandece pelo tumulto das imagens.

De repente, o seu leitor deleita-se com a riqueza dos presságios e com o murmúrio das águas. De repente, a poeta dispara os seus cavalos e o tropel é uma ciranda deslumbrante.

A poesia de Lourdes Sarmento se materializa através das mais delicadas palavras: pétalas, manhãs, girassóis, paixões, estrelas, pássaros, acácias, borboletas... A sensibilidade é a tônica em seu universo de símbolos.

Admiro sobretudo, a extraordinária capacidade com que Lourdes Sarmento tece a arquitetura verbal do instante. São sentimentos represados que o seu ser de beleza transforma em acontecimento estético: *“Ninguém pergunta / o nome da minha dor. / Quem sabe a diferença / do vento que me reinventa? // Quem sabe o rio / que entrou no meu corpo / e nunca mais me deixou?”*.

Tamanha beleza somente se opera quando se é vidente. Lourdes Sarmento é profética, genui-

namente lírica e telúrica. A poeta detém uma robustez de estranhamento com origem íntima, que se revela ao chamado que vem do próprio existir, decerto, lembranças da infância e das constelações do tempo.

Lourdes Sarmento escreve com uma alma a saltar pelos dedos. Seu ritmo é passional e de uma fluidez selvagem identitária. Seu registro também é divino, com suave devoção aos sonhos, que mergulham no ciclo das raízes em fuga.

Outra torrente encantadora do seu espetáculo metafórico é o erotismo. A poesia das sensualidades e dos desejos encontra potência nos sustos indicadores de vida.

A experiência poética de Lourdes Sarmento é elevada. Poeta definitiva e amada que dobra os lençóis da noite e entrega a claridade da memória aos que bebem do seu manancial de mistérios: *“Como quem lembra o território da infância / e o ama / só o poema cobrirá de acácias / a casa construída / pedra sobre pedra / onde habito e sobrevivo / nela guardo a voz das pedras / e o casulo do meu silêncio.”*

EMPOLGAÇÃO DISCRETA: UM CONTRASSENSE

Roberto Minadeo

Recordo-me do tetra, lá no distante ano de 1994. Alguém que jamais vira o Brasil ganhar uma copa entrou em frenesi. Ficou apoplético por mais de meia hora no boteco, revestido da sagrada bandeira nacional, desfilando de joelhos, até rasgar as calças.

Não estava bêbado, apenas extravasava sua felicidade, em uma catártica união com o espírito nacional – sofredor, após vinte e quatro longos anos sem a conquista de uma copa. Era o sentimento de toda uma geração que jamais tivera a oportunidade de comemorar uma conquista destas.

Depois de inúmeras dificuldades, você conquista o amor de sua vida ou recebe uma promoção. Nada disso se comemora de forma discreta. Empolgação discreta não existe. Garrafas de champanhe existem para serem abertas.

Soneto do Mês

CISNES

Júlio Salusse



JULIO Mario SALUSSE

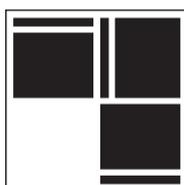
A vida, manso lago azul algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido para nós constantemente
Um lago azul sem ondas, sem espumas.

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas.

Um dia um cisne morrerá por certo;
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA
2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2ª Secretária: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 112 – abril/maio 2022

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

LYGIA, UMA SAUDADE

Fabio de Sousa Coutinho

Não, não é da Lygia de Fernando Sabino que vou me ocupar. Dela já cuidou o inigualável Tom Jobim, em parceria com o supercraque tricolor Chico Buarque, numa canção que sempre emociona e arrepiia. A Lygia de que vou tratar nestas linhas mal traçadas é a escritora paulista, expoente feminina da chamada Geração de 45, ao lado de Clarice Lispector. Refiro-me, está claro, a Lygia Fagundes Telles, que, desde *O cacto vermelho* (1949) e *Ciranda de pedra* (1954), premia seus leitores com alguns dos contos e romances mais belos, bem escritos e de cores mais fortes da literatura brasileira contemporânea. Discreta, reservada e serenamente, Lygia nos deixou no domingo, 3 de abril, aos 98 anos, encerrando uma vigorosa trajetória pessoal e intelectual.

Bacharel em Direito e em Educação Física, exerceu a advocacia por alguns anos, até o encontro marcado e definitivo com a prosa de ficção, a que passou a dedicar-se de modo integral, para sorte de dezenas de milhares de leitores e admiradores. Seus diversos livros, sucessivamente lan-

çados e relançados, em edições cada vez mais cuidadas, têm um público fiel e cativo, no Brasil e no exterior (Portugal, França e Estados Unidos), que os aguarda e consome com a avidez dos famintos, dos que privilegiadamente percebem na escrita uma fonte de prazer estético e de crescimento interior. Criam-se, de fato, laços de veneração e de gratidão pelas possibilidades que se oferecem aos leitores de partilhar a obra aberta pela maturidade literária de um de seus autores favoritos. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1985, na sucessão do jurista, biógrafo e historiador baiano Pedro Calmon, Lygia Fagundes Telles escreveu, em parceria com seu segundo marido, Paulo Emílio Salles Gomes, um roteiro para cinema, *Capitu*, adaptação livre do célebre romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, fundador e primeiro presidente da gloriosa casa de cultura que Lygia tanto honrou, ao longo de quase 4 décadas.

Numa página de memorialismo intitulada *Depoimento de uma escritora*, incluída no fascinante *Durante aquele estranho chá* (Rocco, 2002), Lygia Fagundes Telles disse acreditar na vocação e que

esta “vem a ser simplesmente a liberdade de cumprir essa vontade que vem das profundezas, lá das cavernas. Em latim, *vocare*, o chamado. Atender ao chamado, assumir o ofício que se aceita com alegria porque é o ofício do prazer. O ofício da paixão.”

Não há dúvida: quando o assunto é Lygia, seja a musa inspiradora de Tom Jobim, seja a grande romancista de *As Meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989), que é também a formidável contista de *Antes do baile verde* (1970), *Seminário dos ratos* (1977), *A estrutura da bolha de sabão* (1978) e *A noite escura e mais eu* (1998), a palavra-chave é paixão. Para concluir, lembrem-se os versos com que, agradecendo um mimo recebido de Lygia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade sintetizou a existência da amiga:

"A cinza no cinzeiro, a chama nalma,
Lygia, é o que te desejo: vida calma
e intensa, no seu ritmo criador,
e, entre todas perene, aquela palma
que envolve de um austero resplendor
a quem põe na sua arte o seu amor."

INOCÊNCIA

Raquel Naveira

Deparei-me com um quadro clássico: “A Inocência”, de William Bouguereau (1825-1905), um pintor acadêmico francês, que dominava perfeitamente a forma e a técnica realista. Trata-se de uma moça descalça, recostada numa fonte. O vestido é simples, branco, vaporoso. Um jarro ao chão. Dois anjos, um em cada ombro, parecem dispostos a elevá-la ao céu. Um deles deposita uma flor em seu decote. Talvez seja uma camponesa. A personificação da inocência, essa qualidade de quem é incapaz de praticar o mal. A pureza tem um poder que protege. É uma necessidade de realização plena de uma vida em comunhão com Deus no coração, nas intenções, nos pensamentos. É uma maneira limpa, sem contaminação, de ver as coisas, afinal, “para os puros todas as coisas são puras”.

As crianças possuem essa inocência. São crédulas, imaginativas, acreditam em tudo que contamos, confiam e admiram os adultos. Presas fáceis da crueldade humana. É necessário manter vivo esse estado de infância em que habitam a criança e o poeta. Mas como lavar as mãos na inocência? Dispensando amigos rudes? Não se lamentando nunca da própria sorte? Controlando a

mente? Abstendo-se de tudo que mancha e entorpece os nervos? Invejo quem não conhece motivos de dor e revolta. Queria o conforto da inocência. Bem sei o que sinto e por que sinto. Conheço os finais trágicos das histórias e dos romances.

E por falar em romance, *Inocência*, do Visconde de Taunay, é um livro encantador, charmoso, suave e pitoresco. Um caso de amor contrariado, em meio à luxuriante natureza do sul de Mato Grosso.

Alfredo d’Escagnolle Taunay (1843-1899), primeiro e único Visconde de Taunay, foi um nobre aristocrata, escritor, músico, político, historiador e sociólogo brasileiro. Lutou na Guerra do Paraguai como engenheiro militar, de 1864 a 1870. Desta experiência surgiram os livros: *A Retirada da Laguna*, episódio épico, vibrante, descrevendo a bravura dos heróis que foram obrigados a bater em retirada, perseguidos por numerosos inimigos e pela peste que os dizimava e *Inocência*, uma joia de estilo natural e romântico. O leitor se sente cativado pela narrativa e se indaga qual seria o fim daquele triângulo amoroso formado pela bela Inocência, de faces mimosas, cílios sedosos e olhos matadores; Cirino, o prático em farmácia que percorria os caminhos medicando as pessoas e Manecão, o

noivo violento, bruto, a quem ela era prometida. Tudo se passa numa fazenda próxima ao município de Santana do Paranaíba, nos ermos do cerrado cheirando a araticum.

Inocência era um ser com pouca consciência de si e, ao mesmo tempo, tão cheia de resistência, que preferiu a morte a renunciar ao amor verdadeiro que sentia por Cirino. E a morte desceu sobre os amantes com sangue e vingança.

Meyer, um cientista que caçava insetos para os museus europeus, batizou com o nome de “*Papilio Innocentia*” uma espécie de borboleta, talvez laranja e preta, que tremulava as asas sobre os tufos de hortênsias.

Essa obra-prima regionalista tornou-se o romance brasileiro mais traduzido da época e, mais tarde, foi considerado o precursor da literatura sul-mato-grossense.

Viram? Assim como Taunay, conheço os dramas de guerras e do amor e morte universais. Tenho prática em viagens. Explorei as margens dos rios Taquari e Aquidauana. Escalei morros e mergulhei em cachoeiras. Quem viaja sozinha por essas matas, não é mais inocente. O prazer que tive ao observar aquele quadro e ler aquele livro me surpreende e emociona. A inocência tem a marca da originalidade e faz chorar.

Continuação da página 1

"GRANDE MAR OCEANO", UM ROMANCE INESQUECÍVEL

Paulo José Cunha

Em *Grande Mar Oceano*, um desses romances belos e surpreendentes, nestes tempos de tanta falsificação literária tentando se passar por criativa, Leonardo Almeida ganha o leitor, primeiramente pelo domínio absoluto da língua e de suas potencialidades, exploradas ao limite máximo. Como também pela criatividade e pela preciosa arquitetura do texto, que consegue ajustar e engastar com precisão diversas vozes narrativas em países diversos. Ademais, chama a atenção a audácia do projeto, que deve ter dado uma dor de cabeça danada ao autor, para ser concluído com sucesso, considerando-se que, além dessas características que a tornam extremamente complexa, a narrativa ainda por cima se realiza em épocas distintas, que vão desde o terremoto de Lisboa, no Portugal de 1755, até o Rio de Janeiro, no Brasil dos anos 70. E tudo se ajusta. E tudo funciona. E tudo é verossímil, até as coincidências! Além do domínio pleno e eficaz da língua e da linguagem, a pesquisa que o autor teve de empreender para situar os personagens no seu momento e no seu espaço é perceptível e espantosa. Com absoluta certeza, Leonardo teve de vasculhar arquivos e compulsar velhos mapas e documentos históricos para buscar a exatidão da geografia urbana tanto da capital portuguesa do século XVIII, com detalhes sutis de ruas e cruzamentos, como a do Rio de Janeiro da mesma época. Um dos exemplos é a descrição minuciosa do local onde desembarcavam, na cidade que seria a capital brasileira depois de Salvador, as "cargas" dos navios negreiros. Como, igualmente, a apresentação, em detalhes, do Rio "moderno" dos anos 70, e da Brasília daquele mesmo período, em plena ditadura militar. A descrição de ruas, praças, avenidas, detalhes da arquitetura, entre outros aspectos, contribui fortemente para a verossimilhança do texto. A obra, que prende o leitor desde as primeiras páginas, se sustenta com facilidade justamente pela mencionada verossimilhança,

alcançada com o suor e o afinco da pesquisa em profundidade. É ler e acreditar. Pode até parecer fácil, mas são poucos os escritores capazes da proeza de narrar acontecimentos ficcionais e merecerem do leitor a crença de que estão consumindo um relato "real". Leonardo aceitou o desafio. E o venceu.

Escritor tarimbado, com mais de uma dezena de obras que vão da poesia ao conto, passando pela crônica, o ensaio e a novela, Leonardo Almeida Filho (que também invade áreas como a composição musical e a pintura), ombreia-se hoje com a arte dos melhores narradores contemporâneos em língua portuguesa. Por sinal, os próprios portugueses fizeram questão de garantir o lançamento da obra em terras lusas, antes mesmo que o romance aparecesse por aqui.

Os aspectos acima, por si, já justificariam todos os efusivos aplausos que recebeu e continua a receber. Mas, igualmente, é de se destacar a profusão de formatos de que se serve o autor na construção do relato. Lança mão desde a narração em primeira pessoa – respeitando os "sotaques" próprios de cada época e de cada narrador. Esse detalhe confere ao texto um sabor genuíno que o distingue, com facilidade, de outras narrativas que têm aportado em nosso mercado editorial. Além do que, e com muita segurança, foge ostensivamente do relato formal da narrativa histórica. Igualmente, utiliza sem receio formatos das narrativas das cartas, assim como da poesia, além de fazer incursões nos formatos próprios do conto e da crônica.

Posso estar enganado, até porque minhas muitas atribuições atuais não me permitem um acompanhamento mais sistemático e cuidadoso dos vários lançamentos editoriais em português. Mas, com certeza, é possível afirmar sem sombra de dúvida que Leonardo Almeida Filho, com seu estro e seu domínio da arquitetura da narração, já ocupa, com folga, lugar de destaque na nova geração de ficcionistas na língua de Camões.

SOBREVIVÊNCIA

Jolimar Corrêa Pinto

Gostarei de estar presente
Quando o último assassino microscópico
Estiver sendo banido do Planeta.
E haveremos de, vitoriosamente,
Ultrapassar este terreno alagadiço
E alçar a bandeira da sobrevivência.
Lamentar as mortes,
Enaltecer heroísmos,
Atirar no lixo da História
Quem podia e não fez,
Que devia e faltou,
Que previu, mas insistiu,
Bobeou, ou mentiu?
Pesquisar causas e curas,
Acreditar que a morte é um princípio
E que existem instâncias espirituais
Em dimensões transcendentais,
Além de nossa percepção.
Não apenas como uma esperança,
Mas em um exercício racional.
Rever procedimentos reiterados,
Estimular ciências curativas,
Colaborar em vez de disputar,
Admitir que a praga aboliu desigualdades
Com seus ataques incondicionados.
Sentir a fragilidade existencial
E acreditar na transsubstancialidade.

DEFINIÇÃO DE SAUDADE

Váldima Fogaça

Nas minhas letras vejo a suave
e delicada forma de dizer saudade.
Saudade não é solidão, não é delírio,
não é fanatismo poético, nem é penitência.

Saudade tem a ver com a constelação,
tão longe e tão perto.

Saudade tem a ver com a magia que há
no anoitecer das árvores silenciosas
que esperam os pingos de orvalho,
mesmo numa noite sofrida,
para lhe trazer a vida,
para enfim despertar o florescer
que há na primavera.

BREVE DISSECAÇÃO DA IGNORÂNCIA

Gilmar Duarte Rocha

A ignorância é a representação do cadáver em vida. O ignorante é como um ser que vive, respira, trabalha, sua, sente dor, às vezes pensa, sente algum tipo de felicidade, mas não tem alma, pois se não nasceu com esse órgão espacial abstrato, ele o perdeu em alguma curva durante a trajetória de sua vida vazia.

A ignorância é uniforme por essência: não tem sexo; não tem cor; não tem raça; não tem grau de escolaridade; não se enquadra em nenhuma faixa de renda e não tem nenhum ideal na vida. Se o tem, deve ser alguma meta absolutamente econômica e patrimonial.

O ignorante vê sempre o sol pelo mesmo prisma; vê a lua também, mas não sabe distinguir ao certo quando a lua é nova, cheia, quarto crescente, quarto minguante, ou, até mesmo, quando está em fase de eclipse.

Há ignorantes que se dizem letrados, que escreveram montanhas de artigos; que publicaram cadeias de livros. Se de fato esse tipo de gente pôs a público alguma opinião sob a forma escrita, pense três vezes antes de perder tempo folheando as páginas, ou rolando a barra de uma tela de leitor eletrônico, pois, decerto, você irá se debater com palavras vazias, sem essência e sem substância; com muita asserção, afirmação, certificação e informação duvidosa, pois como dizia Aristóteles “o ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete”.

Segundo a maioria dos lexicógrafos, o termo ignorância significa:

- Condição da pessoa que não tem conhecimento da existência ou da funcionalidade de algo: ignorância dos acontecimentos contemporâneos.
- Estado da pessoa desprovida de conhecimentos; sem cultura; condição de quem não tem estudo: ignorância literária.
- Comportamento carregado de grosseria; quem se comporta de maneira incivil; grosseria: o chefe é de uma ignorância gigantesca na maneira como expressa suas ideias.

Mesmo não sendo lexicógrafo ou filólogo, eu tomaria a ousadia de acrescentar mais um item:

- Natureza daquele que só pensa aquém do seu nariz; que não vê a realidade à sua volta, em detrimento dos seus interesses pessoais; que se tem por dono da razão e de que tudo que lhe é oposto é ruim e prejudicial à sociedade, sendo ele próprio um egoísta a toda prova.

Esse tipo de ignorante a que refiro está em voga e cresce em todas as partes do mundo e começa a se utilizar da tecnologia e das redes sociais para fazer proselitismo das suas ideias ocas; da sua desonestidade ciente e consciente; do seu falso moralismo; da sua cegueira espacial (não enxerga nada além do perímetro que condiz com a realidade que ele pensa achar certo).

No entanto, pior do que esse tipo de ignorante, está o arquiteto mor que alimenta o grau de ignorância dessa horda de imbecis. São os reis da esperteza, os profetas do apocalipse, os gurus de falsos líderes, os manipuladores de livros religiosos, os destruidores de conhecimentos resultantes de muitos anos de pesquisa ao longo de séculos; os que fogem de debates e simpósios sobre assuntos tão importantes relativos ao avanço da qualidade de vida humana; os novos “donos da verdade”.

Contudo, há sempre uma luz no fim do túnel.

Por exemplo, o fator clima, que afeta e afetará a todos os habitantes do planeta. O que a gente espera nos próximos anos, com o alerta geral dos especialistas em clima e ecossistema, que preveem o aquecimento irreversível da Terra nos próximos quinze anos, é que esse grau de ignorância arrefeça e novos governantes promovam políticas públicas de conscientização, de união (ou pelo menos de entendimento comum), para que possamos enfrentar os desafios crescentes que colocarão a humanidade, em algum ponto do tempo, à beira do paredão.

MEU PEDAÇO DE CHÃO

sôniahelena

Não criei raízes,
não finquei estacas,
não demarquei chão.
Viageira, andarilha, caminhante,
seguí sempre adiante,
por perto ou bem distante,
as rotas que me surgiram,
os voos que ocorreram,
caminhos que percorri.

Sem rumo determinado,
pelas estradas andei.
Colhi ao longo delas
muito do que hoje sei.
Na busca de meu lugar,
do porto onde ancorar
o barco da minha vida
e quieta aí ficar.

Dos muitos lugares que vi
guardei lembranças diversas,
alegres, sem graça, incertas,
mas quase sempre saí
sem ter encontrado meu chão.
Nada que apascentasse
meu inquieto coração.

Apenas um me fascina,
pelo apelo que me traz.
À borda do Mediterrâneo,
com seus vários tons de azul,
seus perfumes, seus sabores,
seus sons, paisagens e cores,
me sinto em completa paz.

DOR E CATARSE NA POESIA DE ANDRÉ GIUSTI

Wilson Pereira

“De tanto / andar a esmo, / a distância / fica curta. / De tanto / bater com o osso, / a dor / vira / anestesia”.

A poesia de André Giusti nada tem de transcendental, de filosofias etéreas ou de elucubrações metafísicas. Ao contrário, está inserida na realidade imanente, no chão árido do cotidiano. É aí que o poeta busca seus temas e sua expressão de resistência, de inconformismo, de uma rebeldia incomodada com o *status quo* social, político e econômico ou com a mediocridade das relações humanas ou, ainda, com a própria superficialidade de tantos momentos da vida. Poesia nervosa, contundente, mas que nada tem em comum com o discurso de ódio que surgiu no Brasil recentemente e que inunda as mídias sociais de imprecações e ofensas. Poesia de confrontação, de indagação e denúncia que mostra, às vezes, as fraturas expostas dos nossos dias, resultado do embate contra um Poder avassalador que domina os homens e dita sua conduta. É o que se nota, por exemplo, no poema “Corporation Trade Center” (p. 22), do qual transcrevemos apenas alguns versos:

“Qual o prêmio pela minha cabeça? / (...). Quanto vale a minha cabeça/ na cotação do maquiavelismo deles? / Quanto vale um reles cara do povo/ ser visto entrando derrotado/ na jaula das cobras? // (...). Quem paga mais para soprar mais forte/ a única vela que terei comigo/ para tentar vencer a escuridão?”

Esta vela do poema acima é uma interessante metáfora para a poesia, única forma talvez que o autor tem de tentar ser útil, de expressar sua dor individual diante das injustiças, das falsas informações e das ilusões que nos impõem ou nos vende o mundo moderno, mormente o mundo hodierno e odioso. E a expressão da dor é catarse e, de certa forma, anestesia a alma.

E o poeta diz:

“Não jogue na minha cara/ Em modo de sermão/ Que meu lamento é egoísta/ Porque posso ficar em casa/ E não tenho de enfrentar filas/ Encarar condução. // Eu não preciso me sentir culpado/ Sou apenas um cara normal/ Enfasiado das manchetes/ Querendo sumir com pratos e talheres/ e que todas as noites sonha que tá/ Perto de matar o presidente/ Mas sempre acorda

antes do final” (do poema “Corona Classe Média Blues” pp. 79/80).

A ironia, recurso empregado pelo autor com frequência, está explícita no poema “Brasília” (p. 89):

Nos palácios e tribunais
homens de carne e osso
(apenas de carne e osso)
passam falam
nos olham por cima
(como se fossem imortais).

A voz crítica, a ironia impiedosa alveja até mesmo o poeta metido a besta, sofisticado, cheio de empáfia, no poema O “Gênio da Raça”, p. 59, do qual citamos apenas os primeiros versos:

Uau
Esse poeta deve ser genial:
Ninguém entende nada do que ele escreve.

Ele deve ser fantástico.
Em cada frase
Três palavras que ninguém conhece.

Jornalista profissional e atuante, André Giusti está atento aos fatos que mobilizam a imprensa no dia a dia, de onde certamente lhe vem o agudo espírito crítico que permeia sua poesia, mas espírito esse filtrado pela sensibilidade poética e dosado pelo ritmo e a concisão, que formatam o poema e lhe dão o teor de poeticidade. Peça comovente, pela denúncia da injustiça social e pela sátira à religião, é o “Poema de natal, páscoa e domingos de missa e culto” (pp. 52 a 54). Como não dá para transcrever todo o texto, por causa do exíguo espaço para publicação de uma resenha, fica o leitor com esses versos:

“Jesus hoje não conseguiu engraxar todos os sapatos/ que precisava/ não vendeu pano de prato o bastante nem para voltar para casa// Jesus perdeu a perna na linha do trem/ tá pelo INSS mas o dinheiro não dá/ pro gás prum quilo de arroz/ lata de óleo pacote de macarrão. // (...)// esperavam ver Jesus no templo iluminado/ de mármore cara de pastor de anel de pedra// na igreja cheia de santo branco e louro/ no palavrório da palestra no centro espírita/ mas Jesus não apareceu por lá (...).”

No entanto, nem só com desalento e indignação se pauta sua poesia. O amor é um dos temas enfocados nesse livro. Mas o amor aqui surge numa perspectiva distinta, sem pieguice, sem romantismo ou arroubos sentimentais. É a expressão de um encontro, ou de um desencanto; de um encanto ou de um desencanto, mas amor pé no chão, corpo a corpo, amor sem mitificação.

A poesia do autor afina-se com o que de melhor se tem produzido no gênero, atualmente, no Brasil. Traz algumas características que soam como ecos da chamada Poesia Marginal, como o emprego de expressões coloquiais, o uso, algumas vezes, do palavrão e a crítica ácida a instituições e comportamentos. Mas o poeta sabe dosar esses elementos e empregá-los de forma bem ajustada aos contextos em que são inseridos, sem pender para o deboche, nem para a inconsequente defesa de bandeiras de qualquer ordem. E não cai na facilidade dos trocadilhos ou do poema-piada. Antes, consegue extrair efeitos semânticos inusitados que dão consistência poética aos seus versos.

O lirismo, embora pouco frequente no livro, também aparece, como no bem-sucedido “Poema de pequenas causas” (p. 15), do qual transcrevo alguns versos:

“A chuva nos chama da calçada/ com a voz perdida de mãe/ querendo saber se levamos casaco. // Quando chove/ alguém dentro de mim/ me chama do aguaceiro / (...) E tudo é assim mesmo nessa vida: / belo e triste feito a beleza e a tristeza/ das moças encantadas dos subúrbios antigos, / que perderam a vida toda nas janelas/ sepultando lágrimas em ti, minha chuva em flor.”

De Tanto bater com o osso a dor vira anestesia é um livro de poesia instigante, poesia incisiva, cortante que, a propósito, se inicia com o poema “Navalha” (p. 11):

“Cada dia que amanhece/ é o corte de uma navalha. / Queira Deus que eu me valha/ de todo esse sangue/ empapado nos meus pés”.

Portanto poesia que, antes de anestesiá-la, provoca dor, porque, com seus gumes afiados, vem para ferir e incomodar os acomodados.

HÁ 150 ANOS NASCIA JÚLIO SALUSSE, O POETA DOS CISNES

Danilo Gomes

O fluminense Júlio Salusse escreveu vários sonetos, mas ficou famoso por um apenas, que em outros tempos se tornou um sucesso: *Cisnes*. Românticas senhoras e moças sabiam-no de cor, suspirosas. Os homens também gostavam. O célebre soneto rompeu o tempo e deu fama a Salusse, como o *Soneto de Arvers* immortalizara o francês Alex - Felix Arvers. Júlio Salusse tornou-se, para sempre, “o poeta dos Cisnes”.

Cysnes (segundo a grafia vigente na época) veio a lume em 1893.

Júlio Mário Salusse nasceu na Fazenda de Gouguy, no município de Bom Jardim, estado do Rio de Janeiro, em 30 de março de 1872. Formou-se em Direito, em São Paulo. Foi promotor público em Nova Friburgo. Abonado, passou boa temporada boêmia em Paris (onde mais poderia ser, poeta Márcio Catunda?). Tinha o tal *savoir vivre*. Em Paris o poeta encontrou-se inúmeras vezes com Santos Dumont, um ídolo da alta sociedade local. Voltou para o Rio. Escrevia em jornais. Exerceu a advocacia, sendo seu último escritório na Rua São José. Teve namoradas, mas não se casou com nenhuma, nem com Laura de Friburgo, nem com Vera van Herven, pelas quais se apaixonara; e em Paris se perdeu de amores pela resplandecente beldade Cléo de Merode. O avô do poeta, Guillaume Marius Salusse, foi soldado de Napoleão Bonaparte, no posto de capitão; lutou na Batalha de Trafalgar, vencida pelo Almirante Nelson. Esse avô veio morar no Rio, quando da queda do imperador, e no Rio morreu aos 86 anos, fumando cachimbo e tomando bons vinhos franceses.

Não vou aqui fazer um esboço biográfico do poeta, que é o Patrono da Academia Friburguense de Letras, fundada em 1947. Quero apenas registrar que Salusse levou vida boêmia no Rio de Janeiro e foi amigo de escritores como Raul Pompeia, Emílio de Menezes, Paula Ney, José do Patrocínio, Olavo Bilac, Lima Barreto, Guimarães Passos, Leôncio Correia, Luís Murat e outros.

Júlio Salusse teve dois biógrafos: Nilo Bruzzi e Carlos Heitor Castelo Branco. Este último eu conheci em São Paulo, em 1980, ano em que publiquei meu livro *Uma rua chamada Ouvidor*. Em minhas peregrinações por livrarias e sebos, encontrei-o, com sua mulher, Zelina, na Learte- Livraria e Encadernação Ltda., na Rua Peixoto Gomide, 1805, Jardim Paulista (que você conheceu, Humberto Werneck).

Esses dias reli o livro de Carlos Heitor Castelo Branco, que ele me enviou de presente naquele ano de 1980, com esta dedicatória: “Prezado Danilo Gomes, como falo da Rua do Ouvidor, mando-lhe o Salusse, o Carlos Heitor. 1980”.

O título desse livro é *Salusse, o Poeta dos Cisnes*, da Editora Hucitec, São Paulo, 1979. A primeira orelha do volume é assinada por Vasconcelos Machado Florense e o prefácio é do escritor Abguar Bastos.

Carlos Heitor Castelo Branco, autor de vários livros e bibliófilo de escol, nasceu em Belém do Pará e foi, menino ainda, para o Rio. Muitos anos depois foi morar em São Paulo, onde faleceria. Deixemos que ele conte a história:

“Guardo, em minha memória enevoada pelo inverno dos anos, o dia em que o poeta Júlio Mário Salusse, sabendo de minha situação, convidou-me para morar em sua casa na Rua Nascimento e Silva, 564, em Ipanema. Estávamos em 1929; ainda não havia cajueiros e amendoeiras no imenso areal que circundava a lagoa Rodrigo de Freitas que ficava ali perto. A imensa praia do Ipanema, do Arpoador ao Leblon, era quase deserta; por ali morava o professor Barros, que ensinava uma mocinha a cantar: “Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim”, música e letra de Joubert de Carvalho; a mocinha era Carmen Miranda.

A casa do poeta, um bangalô com torre; celibatário, morava só. O convite, além de grande ajuda em época tão difícil, ainda me proporcionava o esteio de uma cultura, a prosa de um homem vivido e viajado e ainda livros para ler. Salusse não era mais o moço estroina de sua mocidade, vivia de seu escritório de advocacia na Rua São José. Levantava cedo, ia para o banho de mar e antes de escurecer já estava na sua cadeira de balanço, esperando a chegada da marmita, que nos trazia o jantar do qual eu participava com a fome juvenil dos meus dezenove anos.

Salusse gostava de contar sua vida e lá vinham estórias de poetas e escritores que eram para mim monstros sagrados. Evocava um velho Rio que conhecera como “Capital do Império”, aquela mesma cidade que Pereira Passos, abrindo a Avenida Central, transformaria completamente de burgo colonial em metrópole, com grande influência de Paris. Toda uma geração passava nas estórias contadas por ele.

Assim decorriam as noites, e quase um ano se passou em que convivi intimamente com o autor de *Cisnes*.

Renan, Eça e Théophile Gautier eram a trindade que reverenciava e que por sua influên-

cia passaram a ser os meus autores preferidos: Renan, com sua *Vida de Jesus*, Eça com *A Relíquia* e Gautier com *Mademoiselle de Mapin*, que ele costumava ler. Acabei sabendo de cor os trechos mais belos destes livros.” (Págs. 1 e 2.)

E o biógrafo vai contando a vida de seu famoso benfeitor, nas páginas e nos capítulos seguintes, de que destaco alguns títulos: “Laura de Friburgo”, “Por estas tardes pálidas de agosto”, “Político e jornalista”, “Café Belas Artes”, “Salusse e Raul Pompeia”, “Sonetos que são outras tantas pérolas de Salusse”.

Carlos Heitor Castelo Branco registra que o coração do poeta balançou entre duas musas: Laura de Friburgo, bela morena (“introversa, orgulhosa de sua nobreza”) e Vera van Herven, sedutora loura (“comunicativa, lendo os últimos romances, gostando de poesia e música, e também nobre e rica”). O jovem poeta, “muito louro, de olhos profundamente azuis, elegante no trajar”, apaixonou-se por essas bonitas moças da “belle époque”. E o biógrafo e amigo anota: “Indeciso entre as duas, acabou por perdê-las, mas foram elas as inspiradoras da maioria de seus versos.”

Outro grande amor de Júlio Salusse foi a linda Cléo de Merode, cujo retrato encontramos na pág. 36 do livro de Carlos Heitor Castelo Branco. O poeta ficou em ciclópica desvantagem: Cléo de Merode era amante do Príncipe de Gales e do Rei Leopoldo II da Bélgica! Desolado, meteu a viola no embornal e voltou para as rodas boêmias do Rio de Janeiro, nos restaurantes e cafés.

Júlio Salusse foi membro da Academia Fluminense de Letras, onde ocupou a cadeira 28, cujo patrono é o conselheiro Macedo Soares.

É de justiça lembrar aqui que outro biógrafo de Júlio Salusse foi seu leal amigo até os dias da mortal agonia, Nilo Bruzzi, sempre mencionado por Carlos Heitor Castelo Branco. Essa biografia escrita por Nilo Bruzzi intitula-se *O Último Petrarca*. Salusse morreu vitimado pelo câncer, em 30 de janeiro de 1948. Não se casou, não deixou filhos. Mas meu amigo Carlos Heitor Castelo Branco, à pág. 105 de seu livro, legou-nos estas filosóficas e afetuosas palavras, tendo em conta que o poeta era um devotado leitor de Machado de Assis, o nosso grande Bruxo do Cosme Velho: “O certo é que, tanto Machado quanto Salusse deixaram filhos; filhos que não morrem e que transmitirão, por séculos, o nome imortal de seus pais.”

Não é, senhoras e senhores, um *grand finale*, um gracioso epílogo de gala, digno de Machado e de Salusse?

O ESPETACULAR HOMEM-ARANHA

Vera Lúcia de Oliveira

São passados mais de quarenta anos desse grande choque mental, e ainda ressinto em mim as suas inefáveis vibrações. Por ele me fiz homem livre. Por ele saí dos nevoeiros de uma falsa compreensão do universo e da vida. Por ele afirmei a minha personalidade independente e soberana. A lição de Tobias Barreto foi a de pensar desassombadamente, a de pensar com audácia, a de pensar por si mesmo, emancipado das autoridades e dos cânones.

Aos dezoito anos Graça Aranha era bacharel. Foi juiz, diplomata e, sobretudo, um espírito aberto, um homem de ideias e de fé na vida. No Rio de Janeiro, conheceu Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Olavo Bilac, José Veríssimo e o Visconde de Taunay, com eles participando da fundação da Academia Brasileira de Letras, onde ingressou mesmo sem ter um único livro publicado – o que aconteceria somente em 1902, quando lançou o romance filosófico *Canaã*, que teve grande repercussão e várias traduções. Até então publicara artigos e ensaios.

Como diplomata, fez parte da equipe chefiada por Nabuco e viveu uma rica experiência nas principais capitais europeias de 1900 a 1921, onde teve contato com a arte de vanguarda, o que lhe deu autoridade frente aos novos escritores brasileiros que ansiavam pela renovação da arte do país. Por seu cosmopolitismo, entusiasmo, solidariedade, respeitabilidade, espírito revolucionário e paixão libertadora, teve o papel de incentivador dos jovens poetas do movimento chamado Modernismo, ocorrido em fevereiro de 1922 na capital paulista, com exposição de artes plásticas, concertos, conferências e declamação. Apresentou suas propostas como o “comovente nascimento da arte no Brasil”. Isso cem anos após a independência política do País. Foi homenageado pela revista “Klaxon”, que lhe dedicou um número. Sobre essa homenagem, Manuel Bandeira faz uma ressalva por não ter dela participado, em *Itinerário de Passárgada* (RJ: Nova Aguilar, 1983, pág. 65):

Minha recusa não implicava nenhuma quebra de admiração e estima que sempre votei ao autor de *Canaã*. Pareceu-me, porém, que a homenagem iria dar a Graça Aranha, pelo menos aos olhos do grande público, a posição de chefe do movimento modernista do Brasil. O que veio depois mostrou que eu tinha razão: o movimento passou a ser considerado obra de Graça Aranha (...) (RJ: Nova Aguilar, pág. 65).

A conferência que fez tremer os conservadores foi um “não” ao passadismo puro. Poderia ter dito como Napoleão: “Do alto dessas paredes, muitos horrores vos contemplam!” E disse: “Ou-

tros horrores vos esperam.” De que horrores falava o Graça? Falava de “O Homem Amarelo”, de “O Japonês”, da pintora Anita Malfatti, e dos demais “borradores de telas” que escandalizaram o gosto burguês bem-comportado da época. Graça Aranha tornou-se o padrinho do evento, ao qual, nas palavras de Maria Eugênia Boaventura, em *22 por 22 – A Semana de Arte Moderna vista por seus contemporâneos* (SP: Edusp, 2000, pág. 20.):

Emprestou às festividades o prestígio de sua personalidade de diplomata e escritor consagrado. O grupo paulista agiu premeditadamente ao convidá-lo: sua presença trouxe, inicialmente, a adesão de figuras importantes, a simpatia de literatos conhecidos, e fundamentalmente colocou a capital da República, que também era o centro cultural do país, no circuito da reforma da nossa arte.

E segundo a autora, foi igualmente importante o fato de ele ter atraído, por sua influência, uma comissão patrocinadora de peso para a realização da Semana.

Graça Aranha era dotado de poderosa imaginação. Podemos vê-la na primeira obra, *Canaã*, e depois em *Malazarte*, de 1911, imaginação que o acompanhou e apoderou-se da sua vida conduzindo-o a um desejo de fusão do eu com o Todo, com o Universo, e que teve origem na primeira infância do escritor no imenso e imponente sobrado da família em sua cidade cheia de luz, São Luís do Maranhão, onde ouviu as histórias da velha Mitilina, sua Sherazade, e Sabino, seu fiel escudeiro, ambos devotados ao menino e que o marcariam para sempre. Assim, viveu numa ânsia de evasão e libertação, sua ideia suprema, sua obsessão. Escreveu, poucos dias antes de morrer,

“Ah! Gozo indizível, supremo, incomparável, esse de afirmar a sua libertação! E o fazer com risco, sem temer miséria e sofrimento materiais! Eu paupérrimo, exposto ao perigo da mais horrível penúria, nada receei quando tive de renunciar a cargos vantajosos. Jamais cogitei de interesses, quando defendia a minha libertação. A inefável ventura, que esta me deu sempre, fez-me esquecer as misérias da coexistência humana.” (*O meu próprio romance*, pág. 31).

Graça Aranha buscou tão somente o elevado, o transcendente, distanciando-se do mundo inferior. Buscou os entes fantásticos de sua imaginação infantil, as lendas da rainha do mar, da mãe d’água – seu primeiro amor – os deuses da floresta, o curupira, o saci-pererê, a mula sem cabeça, todas as forças míticas que governaram o seu espírito, trazendo marcas da cultura popular, cujos temas seriam por ele defendidos como elementos da identidade nacional; como o seriam também para Mário

de Andrade, Raul Bopp e outros modernistas que trouxeram seiva nova à literatura brasileira. Só um espírito libertário poderia lutar pela liberdade de expressão artística, por um mundo novo, afastado da ‘tradição pela tradição’, ou seja, do passadismo e do preconceito estético.

Mas o espetacular Graça Aranha fez mais: escreveu talvez a sua melhor obra, imprescindível para a compreensão de Machado de Assis e Joaquim Nabuco e seu tempo: *Machado de Assis e Joaquim Nabuco – Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores* (1923), em que analisa o pensamento desses homens essenciais para o pensamento brasileiro, ultrapassando os simples comentários referidos no título. É uma fina e profunda interpretação psicológica dos dois correspondentes. O primeiro, um “budista desencantado”, como se autodefiniu Machado; o segundo, um “monarquista platônico”. Um, viajante na imaginação; o outro, viajante inveterado mundo afora. Artistas da palavra, amigos intelectuais, fraternos e confidentes, respeitavam-se na diferença: Nabuco, deslumbrante ator da nossa política, dividiu a história brasileira em *antes e depois* da abolição da escravatura; Machado, taciturno espectador dela. Nabuco, adorador do Imperador Pedro II; Machado, admirador de César, Napoleão e outros tiranos fortes, não perdoou o Imperador fraco que se deixou vencer e ser expulso do país. Assim como Nabuco, Graça Aranha renegou sua classe social, a elite, pela qual Machado sentia-se atraído, dada a sua natureza aristocrática, e, se era o mais livre dos escritores, era também o mais conservador dos homens, e “o maior acidente da nossa espiritualidade”, diz Graça Aranha, que conviveu com os dois refinados pensadores, espíritos delicados e superiores.

Graça Aranha fez muito pelo País. E só não fez mais porque o seu coração parou de bater no dia 26 de janeiro de 1931, sem nunca ter se conformado com a baixaza ou a miséria dos homens, espetáculo degradante que o fazia sofrer, como disse a companheira Nazareth Prado. Esse homem espetacular ativou o *modo* bondade, a simpatia humana e foi um ser moral que negou desde menino tudo o que oprimisse o seu semelhante, a exemplo do direito natural (adeus, Rousseau!), o princípio monárquico e o direito à escravidão, negando ainda na infância a religião que o aterrorizou. Um homem de seu tempo, mas à frente dele. Para Manuel Bandeira, Graça Aranha não teve discípulos. Não foi um mestre, no sentido estrito da palavra, senão um companheiro mais velho, cuja adesão deu ao movimento [modernista] o prestígio de sua glória pessoal e o calor do seu generoso entusiasmo.

Nem ele gostaria de ter seguidores, acrescentamos, pois, na lição de Nietzsche, cada um deve ser o seu próprio mestre e o escultor de si mesmo.

O POETA MATUSALÉM DIAS DE MOURA E A BUSCA DA TRADIÇÃO: O SONETO

João Carlos Taveira

Preliminares de um neófito

A forma soneto — do italiano *sonetto*, pequena canção ou, literalmente, pequeno som — foi criada na primeira metade do século XIII, na Sicília, onde era cantado na corte de Frederico II da mesma forma que as tradicionais baladas provençais. Alguns estudiosos atribuem a invenção do soneto a Jacopo da Lentini, poeta imperial siciliano. Esse tipo de poema surgiu como uma espécie de canção ou de letra escrita para música, e possuía, inicialmente, uma oitava e dois tercetos, com melodias diferentes.

Algum tempo depois, o soneto evoluiu até atingir sua forma fixa hoje conhecida, ou seja, um poema composto de quatorze versos, sendo dois quartetos e dois tercetos, com rimas ou não. Há, ainda, os que invertem a disposição estrófica e os que buscam a tradição do soneto inglês (três quartetos e um dístico), praticado no século XVI por William Shakespeare, e aqueles que cultuam o soneto monostófico, que apresenta uma única estrofe de quatorze versos. Há, também, alguns poetas que o praticam em metros menores e até sem metro algum. O certo é que há, entre nós, exímios (es)cultores de versos decassilábicos e alexandrinos, conforme tradições italiana e ibérica.

No Brasil, praticamente todas as escolas literárias cultuaram e praticaram o soneto, a exemplo do período Barroco, com o imenso Gregório de Matos, do Classicismo, do Romantismo, do Parnasianismo, do Simbolismo, excetuando-se o início do período Modernista, que esculhambava o soneto com todas as forças e convicção nacionalista. A esculhambação virou moda. Somente a Geração de 45 veio resgatá-lo, com dignidade e o devido respeito. Hoje, por mais que tentem, os poetas contemporâneos que não tiveram a felicidade de estudar versificação nas escolas seguem a tradição de Oswald de Andrade, o menino rico que transgrediu a gramática e tinha como característica seguir a liberdade formal, representada pela utilização do verso livre, pelas formas de composição irregulares, muitas vezes destituídas de pontuação e principalmente de bom gosto.

Um pouco de Matusalém Dias de Moura

Poeta, cronista, contista, ensaísta e haicaísta, com trabalhos publicados em vários jornais e revistas. Nascido em 5/6/1959, na zona rural de Irupi, à época distrito do Município de Iúna (ES). É advogado e procurador de carreira da Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Como político, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Iúna, em que exerceu as funções de líder da oposição e presidente da Comissão de Constituição e Justiça, tendo sido, também, relator-geral da primeira Lei Orgânica do Município de Iúna. No serviço público, foi assessor jurídico dos municípios de Ibatiba (ES) e Lajinha (MG); escrivão judiciário da Quarta Vara Criminal de Cariacica (ES) e secretário particular da Presidência da Assembleia Legislativa. Reconhecido maçom pelo Grande Oriente do Brasil, iniciou-se nos augustos mistérios da Sublime Ordem em 9 de junho de 1990, na Loja “Delta Maçônica Filhos de Luz e Virtude”, de Iúna (ES). Em 2000 recebeu da Câmara Municipal de Vitória o título de Cidadão Vitoriense.

Participou de várias antologias publicadas em nível nacional, entre as quais merecem destaque: *A Poesia Espírito-santense no século XX*, organizada por Assis Brasil e publicada pela Editora Imago, RJ; *Escritos entre dois séculos* e *Alguns de nós*, ambas organizadas por Miguel Marvilla e publicadas pela

Editora Flor e Cultura. É membro efetivo da Academia Espírito-santense de Letras (cadeira 34), da Academia Iunense de Letras (cadeira 26) e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Como Membro Correspondente, pertence à Academia de Letras e Artes de Portugal – ALA, Academia Mineira de Letras, Academia Cachoeirense de Letras, Academia Pindamonhangabense de Letras e União Brasileira de Escritores/ RJ.

Uma tradição artística ainda muito cativante

Com *Sonetos da Madrugada*, o poeta Matusalém Dias de Moura parece nos dizer que é preciso cuidar da forma e manter sempre viva a sua tradição, dentro da história cultural e artística do homem. O referido livro, publicado e lançado em 2020, em Vitória (ES), traz uma coleção de 101 sonetos decassilábicos (no sumário foi omitido “Devoção”, o primeiro deles), muitos dos quais foram publicados pelo autor na sua página do Facebook — e que já eram nossos velhos e amados conhecidos.

O impressionante é o fôlego do poeta capixaba, que transita entre o lirismo e o elegíaco com a mesma desenvoltura com que debruça sobre temas exclusivamente dedicados à arte de amar. Seus poemas são, na maioria, diálogos abertos com a mulher amada. Mas tudo escrito sem exibicionismo verbal, numa linguagem simples e palatável, que faz a perfeita comunicação com leitores de diversas formações, acadêmicas ou não.

“FELIZ NATAL!

Feliz Natal, a ti, querido irmão,
que levas pelo mundo a tua cruz,
sem maldizer a vida, rumo à Luz,
cumprindo com amor tua missão

de semear a paz e a comunhão,
num proceder que muito bem traduz
o “amai-vos uns aos outros” de Jesus,
ao servir sem pensar na gratidão.

Feliz Natal também aos perdedores,
aos fracos, infelizes, sofredores
que não têm mais, na vida, um ideal.

Em oração, meu Deus, Te peço, agora,
Tua bênção que anima e revigora
a paz dos filhos Teus, neste Natal.”

O cronista e historiador Matusalém Dias de Moura também pratica a trova e o haicai e é um versilibrista de verve e grande talento. Seus inúmeros livros publicados nesses gêneros todos atestam sua destreza estilística e estão aí para confirmar.

Publicado pela editora Cousa, de Vitória, o livro *Sonetos da Madrugada* é uma obra de arte do ponto de vista gráfico. Ou seja, uma verdadeira maravilha para os olhos, que pousam como pássaros sobre a capa, e as mãos que tocam com deleite suas páginas tão bem diagramadas. Exemplo que devia ser seguido — mesmo por osmose — pelas editoras brasileiras, com relação aos livros de poesia.

NO OUTEIRO

Marcos Freitas

a floração do ingá se dá ao zumbido das abelhas
e ao recalcitrante lampejo das despedidas
das rumorosas chuvas

bem se vê que – doravante –
nos azuis duradouros dos dias
as friagens das noites se farão reinar

as formigas seguem em suas trilhas
e o capim orvalhado pende
balouçando

ABELHA-RAINHA

Noélia Ribeiro

Não choro a lonjura de teu corpo e suas dezenas
de mãos resolutas em meneios
nem de tua língua, peixe de água doce na aréola do seio.
Não temo amanhecer sem teu hálito ou tua voz de visigodo.

Hoje reli as quatro cartas (todas invertidas)
retiradas no jogo de tarô: a morte
o mundo a estrela o imperador
e nada arranhou mais que a unha de meu gato.

Não perturba ter de referir-me a ti pelo nome duplo
ou responder não sei aos farejadores.

Neste instante em que vejo uma abelha
entrar pela janela entreaberta
dou-me conta de que
o que finda em mim abre uma fresta.

TOADA À TOA

João Alphonsus

O diabo é que a vida
Nem sempre porém...
Toada da onda
Que vai e que vem.

Mas da onda da onde?
Até nem sei bem...
Ora bolas! Da onda
Que vai e que vem.

VICISSITUDE

Gaudêncio de Carvalho

Ah, quantas vezes abro a cortina ensolarada
para ter pena da vida!
para espiar o calor amortecendo as flores,
o calor secando a água do rio;
para ver a claridade estontear o passarinho
e o vento levar as folhas pelo espaço.

Ah, quantas vezes baixo a pobre cortina
para ter pena da vida!
Há falta de luz no sol,
de azul no céu,
de calor na terra,
de círculo no horizonte.

Ah, quantas vezes abro e fecho a janela
para ter pena de mim mesmo!

ECLIPSE DE UM AMOR

Nauza Luza Martins

Quando me confortei em teus braços
Teu corpo me desejou
Eu me entreguei!

Quando te busquei cheia de saudade
Encontrei intransponíveis barreiras
Colapsei!

Diante de tão dolorosa tensão
Me concentrei em explosão de versos
Me recolhi!

Saiu de mim, partiu meu coração
Não era amor, apenas irresistível ilusão
Desiludida me eclipsei!

O ALUNO

Jorge Sá Earp

Ficou examinando os objetos um por um. Fazia isso quando chegava pela primeira vez na casa de alguém. Mas ali parecia não haver nenhum mistério, nenhuma peça em particular que fosse desvendar o caráter de seus donos: paredes brancas da sala, a não ser uma pintada de salmão claro, justamente aquela em frente a ele, onde estavam dois sofás de tom escuro. Sobre a mesa de centro de vidro com pés de granito apenas um cinzeiro de cerâmica. Na estante uns livros que pela lombada pareciam apenas decorativos, e a iluminação que, sem ser completamente indireta, era emitida por pequenos focos do teto. Um quadro grande abstrato, uma natureza morta de influência cubista, mas sem o marrom característico e uma figura humana com enquadramento vertical, também executada com pinceladas geométricas: um garoto na praça empunhando um buquê de cataventos. Bem diferente da casa do amigo Orlando, que, amante de antiguidades, encheu seu pequeno apartamento em Copacabana de cômodas antigas, ícones russos, *biscuits*, vasos chineses, louça de Delft, candelabros e tapetes orientais.

Fabrécio se levantou para verificar de perto uma escultura metálica, montada com engrenagens, pregos, parafusos e até uma campainha antiga de telefone quando escutou uma voz a um tempo macia e megafônica atrás de si:

– Olá, Sr. Fabrício...

Se virou e deu com uma mulher bonita à sua frente. Elegante. Sem joias.

– Até que enfim nos conhecemos!

– É mesmo. – ele disse com um sorriso tímido e, no fundo, surpreso com a beleza da mulher de seu ex-colega de faculdade.

– Roberto já está vindo. Ele é que é a noiva nesta casa pra se arrumar. Ainda há pouco estava com a cara cheia de espuma de barba.

– Já conheço. Quantas vezes não me deixou plantado na porta do cinema?

Se sentaram, se serviram de drinques. Roberto até que não demorou muito, apesar da maledicência da mulher e de Fabrício.

Abraço apertado entre os dois amigos e o “puxa! Há quanto tempo! Nem parece que a gente mora na mesma cidade!”

– Minha memória é péssima pra essas coisas: quantos filhos vocês têm mesmo?

– Um só. Diogo é filho único. Só tivemos um. – Telma respondeu.

– Garotão. Já está com dezessete anos. E já tá fazendo cursinho pro vestibular. Aliás, Fabrício, queria te perguntar uma coisa... Cê num quer dar aula de História para ele?

Fabrécio olhou para Roberto com uma surpresa ressabiada, modesta e, em seguida, para Telma como que para receber da mãe a confirmação da proposta.

– O fraco dele é História e Geografia. É ótimo em Matemática, mas com essas duas...

Em vez de emitir uma resposta, Fabrício perguntou:

– E onde ele está?

– Saiu com a namorada. Ora, Fabrício, que pergunta! Sexta à noite...

Antes de passarem para a mesa Telma disse, já que Fabrício parecia hesitar, que ele pensasse, que não precisava dar a resposta agora, que a proposta tinha partido de Roberto subitamente.

– Essa ideia do meu marido também me pegou de surpresa.

Durante o jantar, Roberto puxava a conversa – como era compreensível – para reminiscências da faculdade quase exclusivamente, o que inquietava Fabrício que, por sua vez, se dirigia de vez em quando a Telma para lhe perguntar sobre assuntos familiares e profissionais. O amigo, entretanto, não demonstrando a mesma preocupação do convidado, dava mostras de impaciência e retomava com insistência lembranças sobre ex-professores, ex-colegas e situações passadas, em geral repassadas de risos.

– Engraçado que vocês eram colegas de colégio, entraram pra mesma faculdade e depois se separaram. – Telma conseguiu interferir.

– O Roberto foi fazer engenharia e eu história. A gente não se deu bem com economia, né? – a última frase Fabrício pronunciou dirigindo o olhar para o amigo.

– Você não se deu; eu até que curti mas de repente achei que o meu negócio mesmo era engenharia.

Ao se despedir, com as duas mãos nos bolsos de trás (tinha essa mania), Fabrício falou sem sequer ter sido questionado:

– Posso, sim, Roberto: posso dar aulas pro... como é mesmo o nome dele?

Os anfitriões se punham abraçados no limiar da porta e responderam em coro, sorrindo com gratidão dupla: pela visita e pela concordância em ajudar o rebento:

– Diogo. Obrigado por ter vindo.

– Foi ótimo ter te reencontrado, rapaz. – Roberto reforçou pondo a mão no ombro de Fabrício ao mesmo tempo que segurava a porta.

*

Na 3ª feira chegou em casa esbaforido com medo de encontrar Diogo à sua espera na portaria do prédio. Mas ainda se sentou no sofá por alguns minutos para recuperar a respiração normal que se alterara com os passos apressados da estação de metrô até a sua rua em Botafogo. E ali esperou ainda uns quinze minutos, depois dos quais se levantou, bebeu um copo d' água, verificou o celular e foi para o escritório para terminar de corrigir provas, não sem se inquietar com o atraso do garoto. Por fim, o interfone tocou.

Quando abriu a porta, sofreu o espanto natural de quem se vê confrontado diante de uma obra de arte.

Nesse instante, nessa fração de segundo, pôde distinguir a bem-sucedida mistura conferida pela natureza à sua fisionomia; mistura do que havia de harmônico nos traços do pai e da mãe. O corpo esculpido pelo próprio esforço na praia e na academia de ginástica.

– Oi. Desculpa aí o atraso. Fabrício. – o nome dele tinha sido pronunciado mesmo com essa pausa. E diante do estarecimento mal disfarçado do professor, não esperou o gesto natural do dono da casa de abrir mais a porta e estender o braço para o interior, convidando-o a entrar: atravessou o limiar sem cerimônia, como se a antiga amizade entre o pai e Fabrício lhe permitisse essa liberdade.

Indicou-lhe o escritório ainda meio abalado pela beleza do garoto. Só quando estavam junto à escrivaninha é que o novo mestre notou que Diogo não trouxera material nem de leitura nem de escritura. Fabrício retirou então um maço de folhas de papel pautado da gaveta e colocou-o diante do aluno seguido de uma caneta.

– Acho que você vai precisar desses dois instrumentos para as minhas aulas.

– Pô, quanto livro, hem? – foi a reação de Diogo virando-se na cadeira e indicando a estante atrás dos dois.

– Qual o livro que o seu professor está adotando?

– É... – Diogo ergueu os olhos como se no teto estivesse escrita a resposta à pergunta. – Não tou me lembrando, não... É um de capa amarela.

– Bom, Diogo, os livros mudam de capa a cada nova edição. Principalmente a cor. Mas já que você parece que não vai lembrar mesmo, dado o seu enorme interesse por História...

– Peraí, peraí, Fabrício, também não é bem assim, não: é que o cara é muito ruim. O professor. E os outros que eu tive também, de História. Gente muito careta. Muito chatos. Uns velhos...

Fabrécio se levantou súbito e da estante arrancou um grosso volume coincidentemente de capa amarela com tarja preta.

– Não será esse?

Diogo se chegou bem perto de Fabrício, que sentiu o cheiro da pele do garoto e, por uma fração de segundos, contemplou seus traços harmônicos, seus imensos olhos castanhos e seus lábios carnudos. O braço forte do novo pupilo dobrado se apoiava no bordo da escrivaninha.

– Se bobear é esse mesmo. É, é esse aí: Burns.

Fabrécio corrigiu-lhe a pronúncia em inglês.

– É sempre recomendável se ter, pelo menos, um livro de base. Aí na minha estante tem

muitos outros. Mas já que é esse que o seu curso está adotando...

– É, tem esse e as apostilas...

– Apostilas não servem pra nada. São muito resumidas.

– Fabrício... Posso te chamar de Fabrício? Na verdade já comecei chamando, né? É que você é tão amigo do meu pai, se conhecem já há tanto tempo que...

– Tá, tá, me chama de Fabrício. Não tem mesmo por que você ficar me chamando de professor... Vamos começar pelo Egito.

– Ah, mas é que... a antiguidade eu sei bem. No que eu me enrolo mais é na História contemporânea: Revolução Francesa, Revolução Industrial...

– Mas se você perder pontos nas questões sobre a antiguidade, com que cara que eu vou me ver com seus pais? Não, não: vamos começar *ab ovo*, quer dizer, do ovo, do princípio, se bem que o princípio mesmo ninguém sabe, o ovo, a galinha...

– “No princípio era o caos”: Hesíodo.

Diogo se recostou na cadeira, arregalando os olhos e alargando os braços num gesto teatral.

– Menino... Fabrício corrigiu o vocativo:

– Cara..., que que é isso? Você tá sabendo mesmo ou tá querendo me impressionar? Quando é que foi a guerra do Peloponeso?

– Século V a. C. Antes de Cristo.

O professor pigarreou, virou os olhos para o livro de Burns aberto coincidentemente em uma página onde estava figurado um friso grego, examinou o menino que tamborilava os dedos na escrivaninha e deslizava um sorriso malicioso e desafiador. Fabrício pegou o grosso volume e virou várias páginas, como se o conhecesse de cor:

– Egito: Antigo Império.

Pois num desses dias de atraso involuntário, o professor chegou e deu com o aluno deitado em sua cama vendo televisão, zapeando, de bermuda, descalço e exibindo suas coxas helenicamente bem torneadas – relaxamento a que nunca se entregara antes, pois costumava esperá-lo até com certa cerimônia – menino bem comportado – sentado no sofá da sala e relendo a aula anterior.

– Começamos? – Com o susto da voz do professor, Diogo pulou da cama e rapidamente se pôs de pé se desculpando: estava quebrado hoje de tanto malhar.

– Grécia, período clássico. Me fale sobre a batalha das Termópilas.

– Leônidas...

*

– Não aguento mais, Orlando...

O amigo se melava todo com a inhábenta que Fabrício tinha trazido da Copenhagen, respondendo na sua *bergère* forrada de damasco, tendo ao fundo um quadro cusquenho com moldura condizentemente barroca.

– Dispensa. Dispensa o aluno. – Orlando com os beiços besuntados de creme e chocolate, de quando em quando limpando-os com um guardanapinho de linho branco, aconselhava:

– Conversa com o Roberto... Diga: olha, não tenho tempo, ando muito atarefado com minhas aulas na UFF. Não posso mais dar aulas particulares pro seu... como é mesmo o nome dele? ... Diogo.

– Mas o pior é que eles tão gostando! – e mais do que depressa, Fabrício ergueu o cotovelo de cima da mesinha lateral ao ouvir o tilintar da tampa de um *potiche* chinês.

– Cuidado! Que você quase quebra!

– Estão gostando: o Diogo, o Roberto e a Telma. O garoto tem tirado ótimas notas.

– Parabéns. Quer mais um licorzinho? – ao sinal negativo do interlocutor, Orlando prosseguiu:

– Mas você não pode continuar assim... com esse tesão contidíssimo... Um dia você vai agarrar o bofe. E aí, meu filho...

– Ele me provoca. Você não pode imaginar... Encosta aquele braço parrudo no meu, toca a minha mão, me dá uns esbarrões assim meio sem-querer, sabe? Toca as minhas coxas debaixo da mesa...

– Você também fantasia muito... – e Orlando limpou cuidadosamente as mãos no guardanapo de linho.

– Fantasio nada! Você precisava ver! E os olhares? Os olhares que ele me dá com aqueles dois olhos que nem duas gotas de mel?

Orlando apanhou um leque com penas de pavão e cabo de marfim lavrado, virou a cabeça para trás com seus ralos cabelos cor de acaju, se abanou e exclamou rindo:

– Ai, que inferno!

– Olha: ou você se livra desse aluno logo ou agarra ele de uma vez. Senão... chama ele pra tomar um chope. Bofe gosta de tomar chope.

Irritado Fabrício se levantou se despedindo secamente do antiquário amador.

*

– Tire as patas de cima do Diogo!

A voz retumbou do outro lado do telefone. Fabrício ficou atônito. Quis responder logicamente, porém de sua boca só saiu um “mas..., não estou entendendo, Roberto...”

– Eu juro que te cubro de porrada se... – de repente escutou uma voz de mulher ao fundo e um baque surdo.

Fabrício se derrubou no sofá e ficou lembrando as últimas lições: nunca tinha ousado nenhum “avanço” com Diogo. “Que história é essa? Por mais que tivesse vontade... um desejo quase irrefreável o acicatando... mas... não, nunca... além disso, andava arrefecendo esse calor todo depois das aulas na sauna... Não tinha por quê. E não fizera a loucura de seguir o conselho do Orlando... Imagine! Sair com o Diogo, ir prum bar beber chope... No mínimo ele ia chamar a namorada dele pra ir também... e o que é que ia conversar com eles?”

E as olhadas? O braço e a perna me tocando por baixo da mesa? ... O que será que aconteceu? O melhor é tirar tudo isso a limpo com o Rober-

to... afinal, meu amigo... de infância... quer dizer, de infância nem tanto mas de juventude...”

Antes da concretização dessa autoprometida conversa de peito aberto com o amigo, chegou a terça-feira. E a campainha do interfone tocou. Abriu a porta e deu com Diogo mais bonito (talvez a força do desejo tivesse construído essa impressão).

Ele ia se sentar junto à escrivaninha, como de hábito, mas notou que Fabrício permanecia de pé e com ar confrangido. Então lhe contou, não sem algumas pausas, reticências e engasgos, o teor do telefonema de Roberto. Primeiro Diogo contraiu o rosto com o olhar perdido. Em seguida, retorquiu que não estava entendendo nada; não compreendia por que seu pai tinha tido aquela atitude.

– Nunca... nunca teve nada... não sei o que tá passando na cabeça do velho. – de repente, como se tivesse recebido uma iluminação:

– Mamãe! É isso, mamãe, deve andar botando caraminhola na cabeça dele. Foi isso desde o começo. Eu escutei uma discussão deles que tinha a ver com você...

– A Telma? Mas eu ouvi a voz dela por trás da ligação... Ela parece que tava dizendo pro Roberto se acalmar e aí ele bateu o telefone no gancho. Não, Diogo, depois dessa... não dá mais pra continuar com as nossas aulas... eu sinto muito, sinto muito mesmo...

Diogo, no entanto, insistiu em continuar; estava gostando, se dando bem nas provas. Por fim, diante da decisão irredutível de Fabrício (doíam ainda em sua memória as palavras do amigo), Diogo baixou a cabeça consternado.

– Como Galileu.

O professor inquiriu-o com o olhar.

– Você: como Galileu pra evitar a fogueira negou tudo.

E num rompante saiu batendo a porta com estrondo.

Fabrício ainda ficou alguns minutos parado ali na entrada. Por fim, murmurou com certo traço de amargura:

– Pelo menos, aprendeu um pouco de História.

Logo mais à noite o telefone tocou; era Roberto:

– Olha, meu amigão, me desculpa, me desculpa mesmo. Eu tava naquele dia puto com uns troços que tinham acontecido no trabalho, a Telma também tem umas coisas... uns grilos estranhos... Não, num fica chateado comigo, não, poxa... Cê me conhece, sabe que eu sempre fui assim meio estourado, não tenho culpa, é do meu temperamento, quer dizer, tenho sim, tenho que procurar me controlar... cê sabe muito bem que eu nunca tive preconceito, não é por isso... é que é o meu filho... sei que você...

Fabrício foi afastando o fone do ouvido e deitando mansamente o aparelho sobre o sofá. As últimas palavras de Roberto ficaram vagamente audíveis.